

A PRESERVAÇÃO DA HISTÓRIA E DA CULTURA XAMBÁ ATRAVÉS DOS LUGARES DE MEMÓRIA DO SEU TERREIRO NAÇÃO XAMBÁ

Thiago Daniel da Silva¹

Carlos Xavier de Azevedo Netto²

Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira³

Resumo:

Este artigo discute sobre os lugares de memória do Terreiro Nação Xambá para a preservação da cultura e história desse povo. Esses lugares estão institucionalizados e representados por um museu e uma biblioteca. Sabe-se da importância que a preservação das memórias para a manutenção das instituições e para o (re)conhecimento de identidades, entende-se, ainda, que essa preservação tem relevância no contexto social, cultural, político e econômico. Portanto, parte-se do princípio de que os bens preservados têm significados que dão respostas à necessidade de conhecimento sobre si e sobre o outro, tendo em vista a diversidade cultural em que estamos inseridos. Os procedimentos metodológicos adotados foram de caráter bibliográfico, documental e descritivo, sendo o universo da pesquisa composto a partir das instituições-memória mantidas pela Comunidade Quilombola do Terreiro Nação Xambá. O estudo mostra que esses lugares são fundamentais para a transmissão de conhecimentos, tradições e valores de geração em geração, além de serem importantes espaços de resistência e afirmação cultural. A preservação dos lugares de memória do Terreiro Nação Xambá é crucial para a manutenção e fortalecimento da identidade cultural desse povo.

Palavras-chave: Nação Xambá. Lugares de memória. Memórias. Identidade cultural.

1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade o homem sente a necessidade de registrar suas vivências, podemos perceber isso através das pinturas rupestres inscritas nas cavernas. Com o tempo a maneira de registrar essas vivências foi se aperfeiçoando, passando pela oralidade, pela escrita, pelos registros de imagens, até chegar às tecnologias da informática.

Os registros são considerados memórias que tem em sua característica a propriedade de conservar informações e remontar acontecimentos, através de um conjunto de funções psíquicas,

¹ Graduado em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba. Mestrando em Ciência da Informação pela Universidade da Paraíba. Email: thiagodnl@yahoo.com.

² Professor na Universidade Federal da Paraíba. Graduado em Arqueologia pela Universidade Estácio de Sá. Mestre em História e Crítica da Arte pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Email: xaviernetto@gmail.com.

³ Professora Associado da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba. Especialista em Organização de Arquivos. Especialista em Administração da Educação a Distância. Graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba. Email: bernardina.oliveira@academico.ufpb.br.

sendo possível atualizar impressões ou informações passadas, meio pelo qual podemos evocar acontecimentos históricos e sociais (Legoff, 1990).

O autor supracitado afirma que a memória serve para a libertação do homem e não para a servidão, que ela é o lugar “onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro” (LeGoff, 1990, p. 447). Esse processo de preservação histórica é crucial para que possamos compreender nossas raízes e identidade. A atração pelo passado, portanto, é uma necessidade humana de conhecer suas origens e definir quem é.

Pollak (1992) amplia essa ideia ao afirmar que as identidades são produzidas com base em critérios que promovem o sentimento de aceitabilidade, admissibilidade e credibilidade. Esses critérios são estabelecidos por meio de negociações contínuas entre indivíduos e grupos, indicando que a identidade é um conceito dinâmico e relacional. A construção da identidade individual está, assim, intrinsecamente ligada à memória coletiva do grupo social ao qual pertence.

Candau (2012, p. 16) reforça essa interdependência ao declarar que "a memória é a identidade em ação". Dessa forma, a memória não é apenas um repositório passivo de eventos passados, mas um componente ativo na formação e expressão da identidade. Em suma, a memória e a identidade estão indissociavelmente conectadas, com a memória atuando como o fundamento sobre o qual a identidade se constrói e se manifesta no presente.

Desta forma, percebemos que a memória é mais do que lembrar o passado, ela é o meio pelo qual podemos entender o caminho trilhado na construção de identidades e nos (re)conhecer enquanto membro de um grupo social. Assim, verificamos que as práticas de preservação da memória são um contributo para a salvaguarda da história e para a disseminação do conhecimento.

Tendo a capacidade de apreender fatos e experiências e a possibilidade da mesma ser retransmitida, a memória faz uso de diferentes registros em sua disseminação: sonoros, imagéticos e textuais. É nesta transmissão que a memória estabelece sua relação com a informação ao considerar as informações registradas elementos de alta relevância para a memória social. Os registros informacionais são fontes que possibilitam o (re)conhecimento e a (re)construção da memória e formação da identidade, exigindo, assim, sua organização, preservação e disseminação. (Oliveira; Rodrigues, 2009). Nesse processo verificamos a importância das instituições para preservação da memória como meio de potencializar seu armazenamento e acesso.

A preservação da memória está ligada a espaços físicos instituídos para guarda e consulta como é o caso das bibliotecas, arquivos e museus. Pierre Nora afirma que as instituições-memória

são “Lugares mistos, híbridos e mutantes, intimamente enlaçados de vida e de morte, de tempo e de eternidade; numa espiritual do coletivo e do individual, do prosaico e do sagrado, do imóvel e do móvel” (Nora, 1993, p.22).

O autor supracitado trás essa afirmação, pois garante que a memória é vida e que, diante da contínua produção de conteúdos, existe a necessidade de instituições de preservação da memória, armazenando os conteúdos produzidos pela humanidade.

Diante do exposto, a questão problema desta pesquisa é: Como os lugares de memória do Terreiro Nação Xambá contribuem para a preservação e (re)conhecimento da identidade cultural Xambá em um contexto de diversidade cultural?

A partir da questão problema objetivamos caracterizar a preservação da memória a partir da institucionalização das memórias da Comunidade Quilombola do Terreiro Nação Xambá, que construiu um museu e uma biblioteca a fim de preservar e valorizar sua história e identidade cultural.

A metodologia adotada para esta pesquisa foi caracterizada por abordagens bibliográficas, documentais e descritivas. Inicialmente, realizou-se uma revisão bibliográfica detalhada para fundamentar teoricamente o estudo, utilizando fontes como livros, artigos científicos, dissertações e teses. A pesquisa documental permitiu acessar e analisar fontes primárias, incluindo registros históricos, imagens e documentos relevantes para compreender os lugares de memória do Terreiro Nação Xambá. Complementando essas etapas, a pesquisa descritiva possibilitou a observação sistemática e a descrição detalhada dos elementos físicos, simbólicos e culturais presentes na Biblioteca e no Museu Severina Paraíso da Silva, instituições-memória mantidas pela Comunidade Quilombola do Terreiro Nação Xambá

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia adotada para a execução desta pesquisa foi de caráter bibliográfico, documental e descritivo.

Inicialmente a pesquisa se pautou em verificar bibliografias publicadas acerca da temática deste estudo a fim de fundamentá-lo. A pesquisa bibliográfica foi conduzida de maneira abrangente, utilizando a base de periódicos da Capes, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e revistas científicas da área da Ciência da Informação.

Característica do estudo bibliográfico é a busca exaustiva, na literatura especializada, pelos principais trabalhos já realizados e que podem fornecer dados relacionados ao tema como livros, artigos científicos, dissertações, teses, dentre outros (Marconi, Lakatos, 2003). A bibliografia é parte e elemento essencial para o desenvolvimento da pesquisa realizada, sendo um apoio antes, durante e após a pesquisa, sendo imprescindível, inclusive, na fase de redação do relatório final (Richardson, 2012).

Esta pesquisa se baseou tanto na revisão bibliográfica, que permitiu compreender as diversas perspectivas teóricas e conceituais relacionadas ao tema, quanto na pesquisa documental, que permitiu acessar e analisar fontes primárias, tais como registros históricos, imagens, documentos e outros materiais que se constituíram como importantes fontes para a compreensão dos lugares de memória do Terreiro Nação Xambá.

Um total de 100 documentos foram analisados, selecionados com base na relevância para a compreensão dos contextos históricos, sociais e culturais associados ao Terreiro. Os critérios de exclusão foram aplicados para garantir a precisão e a relevância dos dados, priorizando a temática, a datação e o estado de conservação. Esses materiais foram fundamentais para corroborar as informações obtidas na pesquisa bibliográfica e para enriquecer a descrição dos elementos físicos, simbólicos e culturais dos lugares de memória estudados.

A pesquisa documental é desenvolvida através de levantamento de fontes que podem fornecer informações acerca do fenômeno investigado e definida como “a observação que tem como objeto não os fenômenos sociais, quando e como se produzem, mas as manifestações que registram estes fenômenos e as ideias elaboradas a partir deles” (Richardson, 2012, p. 228).

A pesquisa documental foi contemplada pela pesquisa descritiva, que possibilitou a realização de observações sistemáticas dos lugares de memória do Terreiro Nação Xambá, permitindo a identificação e descrição detalhada dos elementos físicos, simbólicos e culturais presentes nesses locais, bem como acolhidos para a compreensão dos contextos históricos, sociais e culturais envolvidos em cada um desses lugares.

A pesquisa descritiva para Gil (1999, p. 46) tem por “objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno”. Sendo possível descobrir, classificar e investigar as causas derivadas deste fenômeno. Este tipo de pesquisa se propõe a observar, registrar, analisar, classificar e interpretar os fatos sem que haja a manipulação do pesquisador.

O universo da pesquisa foi delimitado a partir das instituições-memória mantidas pela Comunidade Quilombola do Terreiro Nação Xambá: a Biblioteca e o Museu Severina Paraíso da Silva.

2.1 Âmbito da pesquisa: Comunidade Quilombola do Terreiro Nação Xambá

A Nação Xambá é um povo de origem africana que habita os montes Adamaua, na região que se estende entre a Nigéria e os Camarões. A tradição religiosa desse povo é rica e específica nos cultos aos orixá, sendo considerada uma das mais antigas e originais formas de religiosidade afro-brasileira (Xambá, 2021).

A história da Nação Xambá no Brasil tem como ponto de partida o Babalorixá Artur Rosendo Pereira, que trouxe os ensinamentos e ritos tradicionais do Povo Xambá do Senegal. Artur Rosendo Pereira aprendeu esses ritos com Tio Antonio, um vendedor de panelas no mercado de Dakar, onde o Babalorixá residiu por alguns anos no início do século XX (XAMBÁ, 2021).

Ao retornar ao Brasil, o Babalorixá se estabeleceu em Maceió, Alagoas, onde deu início aos cultos da Nação Xambá. Porém, em razão da repressão policial às religiões afro-brasileiras,

Várias vítimas da repressão policial foram arbitrariamente presas, responderam a inquéritos judiciais, foram covardemente espancadas, tiveram seus lares invadidos, seus santuários profanados e maculados e pertences religiosos, emblemas e insígnias publicamente ridicularizados (Braga, 1995, p.125).

Artur Rosendo Pereira decidiu mudar-se para o Recife, capital de Pernambuco, em busca de melhores condições para exercer sua religiosidade. Foi lá que ele reiniciou suas atividades de zelador dos orixás, apresentando a Pernambuco os ritos e tradições do Povo Xambá, com seu terreiro funcionando no bairro de Água Fria, na cidade do Recife (Xambá, 2021).

O Babalorixá iniciou diversos filhos de santo ao longo de sua vida, sendo duas delas bastante destacadas na história do Terreiro Xambá: Maria das Dores da Silva, também conhecida como Maria Oyá, e Severina Paraíso da Silva, mais conhecida como Mãe Biu. Ambas foram importantes lideranças religiosas e responsáveis por dar continuidade aos ensinamentos de Artur Rosendo Pereira após sua morte.

Com o falecimento de Artur Rosendo Pereira em 1950, suas filhas de santo deram continuidade ao legado deixado por ele. Várias casas haviam sido abertas por seus filhos, que seguiram expandindo a tradição da Nação Xambá. A maioria delas, posteriormente, migrou para a Nação Nagô, dando origem a outras comunidades religiosas afro-brasileiras (XAMBÁ, 2021).

Maria Oyá foi uma das filhas de santo iniciadas por Artur Rosendo Pereira que permaneceu com as tradições da Nação Xambá. Em 1930, Maria Oyá inaugurou seu próprio terreiro, mantendo viva a tradição religiosa que aprendeu com seu mentor.

No entanto, em 1938, sua Casa foi fechada pelas autoridades durante uma onda de repressão aos cultos afro-brasileiros promovidos pelo Estado Novo. Esse período foi marcado por uma série de perseguições, prisões e fechamentos de terreiros de camdomblé e outras religiões de matriz africana, que eram vistas pelo estado como práticas religiosas primitivas e contrárias aos valores da civilização ocidental.

Infelizmente, Maria Oyá faleceu no ano seguinte, em 1939, sem ter visto sua casa ser reaberta. Apesar disso, seu legado e sua contribuição para a preservação das tradições da Nação Xambá são inestimáveis. Ela foi uma importante liderança religiosa e sua dedicação e devoção aos orixás inspiraram muitos seguidores ao longo dos anos (Xambá, 2021).

Após o falecimento de Maria Oyá, a responsabilidade de manter viva a tradição religiosa da Nação Xambá passou para as mãos de Mãe Biu. No entanto, devido à repressão do Estado contra as religiões de matriz africana, Mãe Biu foi obrigada a manter os cultos aos orixás em segredo, realizando as cerimônias em locais isolados e fora da vista das autoridades.

Somente em 16 de junho de 1950, Mãe Biu reabriu publicamente o terreiro, dando início a um novo capítulo na história da Nação Xambá. No ano seguinte, ela inaugurou a sede definitiva do Terreiro, que se localiza na região do Portão do Gelo, no bairro de São Benedito, em Olinda/PE (Xambá, 2021).

A inauguração da sede definitiva do Terreiro Nação Xambá representou uma grande conquista para a comunidade e para as religiões de matriz africana em geral. Era um sinal de que a resistência cultural do povo negro no Brasil estava viva e forte, apesar das sucessivas repressões por parte do Estado e da sociedade em geral.

Mãe Biu, além de manter as tradições religiosas da Nação Xambá, também foi uma líder comunitária atuante em seu bairro em Olinda. Ela realizou diversas ações sociais, ajudando os mais

necessitados da região e promovendo a cultura afro-brasileira. Sua fama seguiu além das fronteiras pernambucanas, e muitos fiéis de outras partes do país vinham em busca de sua orientação espiritual (Xambá, 2021).

A morte de Mãe Biu, em 1993, foi um momento de grande comoção para toda comunidade religiosa da Nação Xambá e para aqueles que reconheciam sua importância na preservação e transmissão das tradições religiosas do Povo Xambá.

Seu legado, no entanto, não foi esquecido. Mãe Biu deixou um exemplo de dedicação, amor e respeito pela religião e pelos orixás, que continuam a inspirar gerações posteriores. Seu filho, Ivo de Xambá, assumiu a responsabilidade de dar continuidade à sua obra, mantendo viva a tradição da Nação Xambá e seguindo os ensinamentos deixados por sua mãe. A memória de Mãe Biu permanece viva na casa de Xambá e em toda a comunidade religiosa afro-brasileira.

Pai Ivo de Xambá é um dos mais destacados Babalorixás do estado de Pernambuco, sendo reconhecido como uma das principais lideranças religiosas da comunidade afrodescendente na região. Desde que assumiu a direção do Terreiro Nação Xambá, ele tem se dedicado incansavelmente à preservação e à difusão das tradições do Povo Xambá, além de ser um importante interlocutor entre a comunidade religiosa e a sociedade em geral.

Foi sob sua direção que em 2006 o Terreiro recebeu o título de Quilombo Urbano do Portão do Gelo, concedida pela Fundação Palmares, o título de Patrimônio Vivo de Pernambuco pelo Governo do Estado em 2018 e abriu as portas da Comunidade para as universidades, escolas, alunos e professores criando uma comunicação do Terreiro com a sociedade.

Além disso, sob a liderança de Pai Ivo de Xambá, o Terreiro Nação Xambá se consolidou como um importante centro de preservação da cultura e tradições do povo negro em Pernambuco. Ele tem dedicado sua vida a promover a valorização da cultura realizando diversos projetos sociais e culturais em parcerias com instituições públicas e privadas. Mais detalhes podem ser encontrados no site oficial do Terreiro (WWW.xambá.com.br) e no perfil do Instagram (@xambaoficial).

A valorização e preservação da história da Comunidade Nação Xambá sempre foram fundamentais para Pai Ivo de Xambá. Com esse objetivo em mente, ele liderou a triagem de documentos produzidos pela Comunidade, que serviu como ponto de partida para a construção de instituições que pudessem preservar essas histórias. A coleta desses documentos reuniu um grande

número de registros que evidenciam as vivências dos componentes do Terreiro, incluindo fotos, documentos, objetos sagrados e depoimentos que ajudam a contar a história da comunidade.

Através da preservação dos registros e documentos produzidos pela Comunidade, foi possível construir instituições que perpetuam a história e a memória do Terreiro. O memorial dedicado a Mãe Biu é um exemplo dessa preservação, reunindo suas histórias desde sua iniciação por Artur Rosendo Pereira até os seus últimos dias de vida.

Além disso, a criação de uma biblioteca especializada em cultura afro-brasileira, história e artes, contextualizando a cultura e a história de Pernambuco e do Brasil, é um espaço de leitura e pesquisa que contribui para a valorização da cultura e a disseminação do conhecimento.

Essas instituições, além de salvaguardar a história, também servem como espaços de educação e formação para jovens e adultos, que aprendem sobre a importância da cultura afrodescendente e a preservação de suas tradições. O trabalho de Pai Ivo de Xambá nesse sentido tem sido fundamental para que a história da Comunidade Nação Xambá seja cada vez mais conhecida e valorizada.

Com a institucionalização desses lugares de memória, a Comunidade Nação Xambá tem conseguido organizar e divulgar as informações e histórias acumuladas ao longo de mais de 90 anos de existência do Terreiro. Essa iniciativa tem sido fundamental para a preservação e divulgação da cultura e religiosidade afro-brasileira, bem como para a valorização da trajetória de luta e resistência da Comunidade.

3 PRESERVANDO A MEMÓRIA: A IMPORTÂNCIA DOS LUGARES DE MEMÓRIA NA PRESERVAÇÃO DA HISTÓRIA DA NAÇÃO XAMBÁ

A história do Terreiro Nação Xambá é uma rica fonte de informação sobre a cultura e a religiosidade do Povo Xambá. Desde a sua fundação o Terreiro vem sendo palco de celebrações, encontros e lutas que moldaram a identidade e as trajetórias dessa Comunidade.

Ao longo dos anos, a preservação da memória e das tradições do Terreiro tornou-se uma das principais preocupações dos seus membros e lideranças. A seleção de documentos produzidos pela Comunidade foi o ponto de partida para a construção de instituições que preservam a sua história e reuniram um grande número de registros que evidenciam a vivência dos componentes do Terreiro.

Esse trabalho de preservação da história e da memória é fundamental para que as tradições, costumes e crenças da Nação Xambá sejam preservados. Nesse sentido é interessante lembrar da mitologia grega, que nos apresenta Mnemosyne, a deusa da memória e da lembrança.

De acordo com a mitologia, ela era a mãe das nove musas, inspiradoras das artes e das ciências. Podemos encontrar também a derivação latina, Memorare, que significa o ato de trazer a memória, lembrar e recordar (LeGoff, 1990).

A memória tem como característica preservar informações a partir de funções psíquicas, desta forma é possível reconstruir o passado. Assim, podemos evocar os acontecimentos de nossa história (LeGoff, 1990). tendo duas esferas uma individual e outra coletiva, é através da memória que podemos rememorar o passado, podendo ser este um passado real, ou até mesmo fantástico (Azevedo Netto, 2007).

Halbwachs (2006), em seu estudo *A memória coletiva*, ressalta que a memória se dá da forma individual e coletiva, sendo a memória individual uma memória subjetiva e que a mesma está ligada a memória coletiva a partir de uma relação que o indivíduo mantém com os grupos sociais com os quais interage, seja em ambiente familiar, no trabalho, na escola, ou, numa escala maior, em um bairro, cidade, país. A recordação, neste sentido, é o ato de trazer à mente no presente a imagem de uma vivência passada, mas também uma reconstrução de experiências vividas por um grupo.

A memória individual e coletiva é indissociável, pois a memória individual só se dá a partir da interação do indivíduo com a sociedade. Ao rememorar o indivíduo traz a tona suas experiências pessoais, mas vividas em grupo (Halbwachs, 2006).

A explicação de Halbwachs vai ao encontro do que Paul Ricoeur definiu como os três traços da memória, principalmente ao primeiro traço quando o autor diz que a memória é singular, pois nossas lembranças são intrinsecamente pessoais e fundamentais para a construção de nossa identidade individual e coletiva; o segundo traço versa sobre o vínculo de nossa consciência com o passado, onde a memória desempenha um papel crucial na nossa continuidade temporal, permitindo-nos remontar os eventos tanto do presente quanto do passado; por fim o terceiro traço versa sobre o vínculo da memória ao sentido da orientação na passagem do tempo (Ricoeur, 2014).

Azevedo Netto (2007) complementa essa perspectiva ao descrever a memória como elementos que evocam o passado, seja ele real ou fantástico, tanto em nível individual quanto coletivo. Ele destaca a importância dos patrimônios culturais na construção e na preservação da

identidade dos grupos sociais, evidenciando como esses elementos são fundamentais para a autoafirmação e coesão identitária.

Castells (1999) contribui para essa discussão ao definir identidade como um processo de construção de significado com base em atributos culturais inter-relacionados. Ele salienta como esses atributos culturais prevalecem sobre outras fontes de significado, moldando a identidade coletiva e individual ao longo do tempo e do espaço.

O pensamento de Castells vai ao encontro do que afirma Candau (2012) ao dizer que a identidade é uma construção social em um quadro dialógico entre um indivíduo e o outro.

Assim, percebemos que a identidade é fonte de significado quando o indivíduo se identifica ou se exclui e que a construção identitária é marcada por relações de poder.

O sentimento de identidade surge a partir do compartilhamento das vivências e dos costumes do grupo ao qual o indivíduo pertence, além do reconhecimento dentro dessa comunidade. Isso não se limita à dimensão simbólica da tradição, mas também está relacionado ao status dentro da sociedade, representando uma forma de autoafirmação perante os outros (Almeida et al. 2019). A autoafirmação, mencionada pela autora supracitada, é tida como um sentimento de pertencimento, que é o meio de se sentir inserido em um grupo social.

Pelo exposto, compreendemos que memórias e identidades estão ligadas de forma indissociável, tanto que segundo Candau (2016, p. 18) “a memória é a identidade em ação”. Desta forma, a memória é mais do que lembrar o passado, ela é o meio pelo qual podemos entender o caminho trilhado na construção de identidades e nos (re)conhecemos enquanto membro de um grupo social.

Em seus estudos sobre memória Pollak afirma que existe uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade, e define identidade em sua obra como:

A imagem que a pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação e também para ser percebida da maneira que quer por outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, credibilidade e que se faz por meio da negociação direta com outros (Pollak, 1992, p. 204).

Cuche, em sua obra *A noção de cultura nas Ciências Sociais* assevera que a identidade “é um sentimento de fazer parte”, além de permitir “que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente” (Cuche, 1999, p. 179). Desta forma, vemos que o meio onde o

indivíduo está inserido orienta o desenvolvimento de uma identidade cultural e uma identidade social. Essa orientação, para Cucho, se dá, pois “a identidade é definida como preexistente ao indivíduo”. (Cucho, 1999, p. 179).

A relação memória e identidade possibilita guardarmos nossas vivências e experiências, ela nos fala sobre quem somos e sobre o mundo a nossa volta, por isso é tão importante sua preservação e salvaguarda. A necessidade do homem de se (re)conhecer tem a garantia nessa relação, memória e identidade, de que poderá acessar os mais diversos bens de relevância social cheios de significados que darão resposta a sua necessidade de conhecimento sobre si e sobre o outro, tendo em vista a diversidade cultural que estamos inseridos.

Os bens de relevância social são os registros memorialísticos que podem ser disseminados de forma sonora, imagética e textual. Os registros informacionais da memória estabelecem a relação da informação com a memória e trás a possibilidade de reconhecimento do indivíduo ao grupo que está inserido.

Uma outra relação importante que a memória mantém é com o lugar, Pierre Nora tratou desta relação, lugar e memória, em seu texto *Entre memória e história: a problemática dos lugares*, o autor nos mostra sua perspectiva sobre os lugares de memória e diz que eles se estruturam a partir de três elementos: material, simbólico e funcional.

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é um lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. [...] É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou”(Nora, 1993, p. 21-22).

Para Pierre Nora os lugares de memória são instituídos como uma tentativa de salvaguardar as memórias dos grupos sociais, evitando o risco de desaparecimento, fixar a memória em instituições gera o sentimento de continuidade de suas tradições. Estes lugares são

[...] espaços físicos e/ou simbólicos que surgem no exato momento em que constatamos a impossibilidade de nossas memórias reter voluntariamente a totalidade das experiências humanas. Em função disso, fazem ressaltar a necessidade de se criar arquivos; museus; bibliotecas; coleções; monumentos; organizar celebrações públicas e pronunciar elogios funerários como recurso de articulação social dos insumos concebidos para representar

coletivamente as ações que vivenciamos no mundo e que imprimimos sobre o mundo.
(Silveira, 2012, p. 5)

Os lugares de memória são necessários, pois existe “uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida” (Nora, 1993, p.7), por isso institucionalizar a memória contribui para a preservação da história e tradições.

A institucionalização das memórias gera um sentimento afetivo onde as lembranças podem ser acessadas e as identidades são (re)construídas, sendo possível revisitar o passado.

Foi neste sentido que a Comunidade Quilombola do Terreiro Nação Xambá instituiu os lugares de memória como meio de preservação e disseminação de conhecimentos e tradições de sua comunidade. A Biblioteca e o Museu, mantidos pelo Terreiro são parte dos trabalhos desenvolvidos com o objetivo de contribuir com o fim de preconceitos sofridos por pessoas negras e praticantes de religiões de matriz africana.

Citações com mais de 3 linhas devem ter recuo de 4 cm da margem esquerda, fonte 10, times new roman, justificado e informar o autor ao final, após o ponto. Espaço de 20 pontos antes e depois da citação (SOBRENOME, 2016, p. 12)

4 A BIBLIOTECA DA COMUNIDADE NAÇÃO XAMBÁ: UM ACERVO DE CULTURA E CONHECIMENTO

A biblioteca é um espaço que guarda e dissemina conhecimento, sendo um importante instrumento para a preservação e difusão da cultura e história de um povo. O Terreiro Nação Xambá compreendeu a importância da criação de uma biblioteca voltada ao universo cultural afro-brasileiro, como forma de fortalecer a memória e a identidade da Comunidade.

A biblioteca mantida pelo Terreiro Nação Xambá é um espaço que vai muito além de um simples depósito de livros. Desde a antiguidade, as bibliotecas evoluíram em sua função social e cultural, passando de meros locais de armazenamento de livros para verdadeiros centros de preservação da memória e disseminação do conhecimento (Santos, 2012).

Distinções eram feitas entre as bibliotecas de acordo com o suporte utilizado para armazenar seu acervo: bibliotecas minerais utilizavam tabletes de argila, enquanto bibliotecas vegetais e animais faziam uso de rolos de papiro e pergaminho. Essas diferentes formas de preservação do

conhecimento foram fundamentais para a construção da história da humanidade e, ainda hoje, são fundamentais para a manutenção e preservação da memória de culturas e comunidades (Santos, 2012).

A tecnologia da impressão, criada por Johannes Gutemberg no século XV, foi um grande marco na história das bibliotecas. Ela permitiu uma evolução no processo de armazenamento e disseminação da informação, tornando as bibliotecas maiores e mais importantes na sociedade. No entanto, durante muito tempo, esses locais eram frequentados apenas pela elite, pela burguesia que detinha o acesso aos livros e à educação (Burke, 2012).

A maioria das bibliotecas estavam centradas em grandes cidades, o que dificultava o acesso da maior parte da população

A predominância de certas cidades europeias é confirmada quando examinamos a geografia das principais bibliotecas. É preciso admitir que a correlação não é perfeita: a Biblioteca Bodleian em Oxford, por exemplo, era uma grande biblioteca numa pequena cidade universitária, ao passo que a Escorial estava longe de qualquer cidade [...]. Na Itália e na França, ao contrário, as melhores bibliotecas se encontravam nas maiores cidades (Burke, 2012, p. 37).

A criação das bibliotecas públicas foi um dos fatores que contribuíram para a democratização do acesso a informação. No Brasil, a história das bibliotecas públicas remonta à época colonial, com a inauguração da Biblioteca do Colégio dos Jesuítas. No entanto, a infraestrutura era precária e não havia um planejamento para torná-la acessível ao público em geral, o que provocou a baixa procura pelos usuários. (Freitas; Silva, 2014).

As bibliotecas são de suma importância para o desenvolvimento cultural de um país por fomentar o hábito da leitura e o desenvolvimento crítico da população (Freitas; Silva, 2014). Além disso, as bibliotecas também têm um papel importante na preservação da memória e da história por serem “centros de estudos, locais de sociabilidade culta e de troca de informações e ideias, além de serem lugares de leitura” (Burke, 2012, p. 60).

Os livros armazenados em bibliotecas são produtos de memórias que possibilitam ao indivíduo o conhecimento sobre práticas e saberes passados. Por isso, os trabalhos desenvolvidos para disseminação da informação em bibliotecas devem ser democráticos alcançando todas as camadas sociais, gerando interesse de acesso e uso da sociedade. “Não importa o quanto de informação está disponível ao alcance de um indivíduo ou de uma sociedade – se ela não é usada, torna-se inútil” (SARACEVIC; WOOD, 1981, p. 12-13, tradução nossa).

Neste sentido, ao reunir um acervo bibliográfico com materiais que abordam a temática afro-brasileira, com assuntos sobre cultura, religião, história e artes a Comunidade Quilombola do Terreiro Nação Xambá busca contribuir para a promoção da diversidade cultural e o desenvolvimento crítico da população, fomentando o hábito da leitura e proporcionando acesso a informações relevantes e muitas vezes negligenciadas pela sociedade em geral.

A disponibilidade do acervo para a comunidade religiosa e estudiosos no geral possibilitou o desenvolvimento de pesquisa sobre a Nação Xambá e a produção de trabalhos acadêmicos como teses e dissertações.

A biblioteca é um espaço de compartilhamento de conhecimento e de preservação da história da comunidade, e todos os estudos desenvolvidos são depositados nela para que futuros pesquisadores possam ter acesso ao material e aprofundar ainda mais o conhecimento sobre a história e a cultura da Nação Xambá.

No entanto, como todo este material só pode ser acessado de forma física, pesquisadores de outras regiões precisam se dirigir até o local, o que pode dificultar o acesso e o desenvolvimento de diversas pesquisas que podem ser desenvolvidas. A iniciativa da comunidade em criar uma biblioteca própria é um exemplo de como a preservação da memória pode ser realizada de forma colaborativa e inclusiva.

Além da biblioteca, a Comunidade do Terreiro Nação xambá também mantém um museu, que abriga uma série de objetos que contam a história da nação Xambá.

5 MEMÓRIAS PRESERVADAS: CONHECENDO O MUSEU SEVERINA PARAÍSO DA SILVA

A palavra Museu deriva da palavra grega museion e faz referência ao templo das musas, as nove filhas de Zeus e Mnemosine, inspiradoras das artes e da ciência (Carlan, 2008).

O termo museu era originalmente usado para descrever um local consagrado às musas, onde seus seguidores se reunia, para celebrar as artes e adquirir conhecimento. Com o passar do tempo o conceito evoluiu para abranger espaços físicos que abrigam coleções de arte, objetos culturais e científicos, além de servir como centros de aprendizagem e estudo.

Na Europa Medieval, durante o período conhecido como Idade Média, as coleções particulares desempenharam um papel importante no desenvolvimento dos museus atuais. Na época essas coleções eram conhecidas como “gabinetes de curiosidades”. Esses gabinetes foram

precursores dos museus modernos, pois continham uma variedade de objetos curiosos e colecionáveis (Santos, 2002).

Os gabinetes de curiosidades eram formados por objetos selecionados por sua preciosidade ou pelo fator exótico da peça. Os colecionadores, frequentemente nobres, aristocratas ou estudiosos, reuniam uma ampla gama de objetos remanescentes, como obras de arte, antiguidades, objetos naturais, espécies biológicas, raridades científicas e curiosidades culturais. Essa coleção era exibida em salas especiais ou compartimentos, e sua principal intenção era atrair a atenção do público.

Na atualidade o museu passou a “selecionar e ordenar objetos de períodos históricos e civilizações distintas de forma a indicar os estágios sucessivos por que passavam os indivíduos” (Santos, 2002, p. 120), e tem desempenhado um papel importante na sociedade, devendo atuar em três campos básicos: na investigação, na preservação e na comunicação (Chagas, 1996).

Em definição elaborada pelo International Council of Museums (ICOM), em 2022, o museu é

uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas para a educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento. (ICOM, 2022).

A partir do conceito estabelecido pelo ICOM em 2022 e considerando o processo complexo que um museu enfrenta em relação a sua criação e manutenção, que envolve aquisição, conservação, transmissão e exposição desse acervo, torna-se evidente que a iniciativa da Comunidade Quilombola do Terreiro Nação Xambá de abrir um museu está convergente com as práticas museológicas, demonstrando seu compromisso em adquirir e conservar o patrimônio material e imaterial relacionado à sua história, cultura e identidade.

Reunindo uma ampla coleção de fotografias, textos, objetos, documentos e indumentárias, a Comunidade alcançou um feito notável ao construir uma coleção para exposição permanente. Essa coleção abrangente narra a história do Terreiro ao longo de mais de 90 anos, representando um tesouro de conhecimento e memória.

No centro desta exposição, destaca-se a figura icônica de Mãe Biu, a segunda Yalorixá do Terreiro e líder da Comunidade por mais de 40 anos. Ela desempenhou um papel fundamental na preservação dos ritos e tradições do Povo Xambá, deixando um legado de resistência e sabedoria.

Mãe Biu enfrentou desafios ao longo de sua vida. Mas a pesar das adversidades, Mãe Biu guardou e preservou os materiais que hoje compõem o acervo permanente do museu. Sua devoção e perseverança foram essenciais para assegurar a continuidade dos objetos, documentos, indumentárias e outros elementos que contam a história do Terreiro Nação Xambá ao longo do tempo.

Os objetos em são testemunhos valiosos da história, da espiritualidade e das tradições do Povo Xambá. Esses objetos são evidências tangíveis de um patrimônio cultural rico e complexo, transmitindo conhecimentos ancestrais, símbolos sagrados e a vivência cotidiana da comunidade.

Este museu é um testemunho vivo da resistência e da resiliência da Comunidade do Terreiro Nação Xambá. Ele honra aqueles que vieram antes, preservando a memória dos ancestrais e as lutas enfrentadas ao longo do tempo. Através de suas exposições, o museu conta histórias de vidas, tradições, crenças e conquistas, conectando as gerações presentes com suas raízes e inspirando o futuro.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, a preservação da história e da cultura Xambá por meio dos lugares de memória, como a biblioteca e o museu, é de extrema importância para a Comunidade Quilombola e para a sociedade em geral. Esses espaços desempenham um papel fundamental na salvaguarda e transmissão do patrimônio cultural, permitindo que as gerações presentes e futuras se conectem com as suas raízes, tradições e identidade afro-brasileiras.

A biblioteca e o museu servem como guardiões do conhecimento e da memória coletiva da Comunidade Quilombola do Terreiro Nação Xambá. Através da coleta, organização e disponibilização de livros, documentos, objetos e testemunhos, esses lugares de memória reúnem uma riqueza de informações e histórias que enriquecem a compreensão da cultura Xambá e sua contribuição para a sociedade brasileira.

A biblioteca é um espaço que permite o acesso à informação e ao conhecimento, incentivando a pesquisa, o estudo e a extensão dos horizontes intelectuais. Ela se torna um centro de

referência para a comunidade, oferecendo recursos valiosos para o aprendizado e o fortalecimento da identidade cultural.

Por sua vez, o museu é um local de encontro com a história viva e tangível da Comunidade. Através das exposições o museu compartilha a riqueza da cultura Xambá com o público em geral, promovendo a valorização e respeito pela diversidade cultural. Ao apresentar fotografias, objetos, indumentárias e outros elementos que narram a história de mais de 90 anos, o museu proporciona uma imersão na experiência Xambá e estimula uma reflexão sobre a importância do patrimônio cultural e sua preservação.

Em suma, a preservação da história e da cultura Xambá por meio da biblioteca e do museu é uma forma poderosa de reafirmar a identidade e a importância desta comunidade quilombola. Esses lugares de memória desempenham um papel crucial na valorização do patrimônio cultural, no fortalecimento da identidade cultural e na promoção da inclusão e do respeito mútuo. Ao preservar, compartilhar e celebrar a história Xambá, a biblioteca e o museu contribuem para uma sociedade mais justa, diversa e enriquecedora para todos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carla Maria et al. Arquivo pessoal José Simeão Leal: um espaço de memória da cultura popular da Paraíba. In: OLIVEIRA, Bernardina M. J. Oliveira de et al. (org.). **Patrimônio, informação e memória: tríade para construção e fortalecimento identitário**. João Pessoa: Editora UFPB, 2019. p. 45-66.

AZEVEDO NETTO, C. X. Informação e memória: as relações na pesquisa. **História em Reflexão**, Dourados, v. 1, n. 2, jul./dez. 2007.

BRAGA, Júlio. **Na Gamela do Feitiço**: repressão e resistência nos candomblés da Bahia. Salvador: EDUFBA, 1995. 201 p.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CARLAN, C. U. Os museus e o patrimônio histórico: uma relação complexa. **História**, São Paulo, n. 27, v. 2, 2008. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/his/a/ZMYTZstWXQmcpBJdz6fxtBQ/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 23 ago. 2021.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

- CHAGAS, Mário. **Museália**. Rio de Janeiro: J C Editora, 1996, 186 p.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. 1. ed. Bauru: EDUSC, 1999. 256 p.
- FREITAS, M. A.; SILVA, V. B. Bibliotecas públicas brasileiras: panorama e perspectivas. **Rev. Digit. Bibliotecon. Cienc. Inf.** Campinas, v. 12, n. 1, p. 123-146, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/15196>. Acesso em 01 ago. 2021.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1999. 159p.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- ICOM. **Pesquisa ICOM Brasil nova definição de museu**. São Paulo, 2022. Disponível em: <http://www.icom.org.br/wpcontent/uploads/2021/02/Apresentacao.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2023.
- LeGoff, J. **História e memória**. Campinas: Editora UNICAMP, 1990.
- MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.
- OLIVEIRA, E. B.; RODRIGUES, G. M.. As concepções de memória na ciência da informação no Brasil: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica. **Ponto de acesso**, Salvador, v. 3, n. 3, p. 216-239, dez. 2009.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p.200 - 212,1992.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2012. 334p.
- RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2014. 536 p.
- SANTOS, J. M. O processo evolutivo das bibliotecas da antiguidade ao renascimento. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v.8, n.2, p. 175-189, jul./dez. 2012.
- SANTOS, M. S. Políticas da memória na criação dos museus brasileiros. **Cadernos de museologia**, Lisboa, v. 19, n. 19, 2002. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/36> Acesso em: 23 ago. 2021.
- SARACEVIC, T.; WOOD, J. B. **Consolidation of information: A handbook on evaluation, restructuring and repackaging of scientific and technical information**. Paris: UNESCO, 1981. 327 p.
- SILVEIRA, F. J. N. Sendas entre o visível e o invisível: a biblioteca como lugar de memória e de preservação do patrimônio. **Revista de Informação**. v. 13, n. 5, out. 2012.
- TERREIRO XAMBÁ. **Xambá**. Página inicial. Disponível em: <https://xamba.com.br/> Acesso em: 02 jul. 2021.

THE PRESERVATION OF THE HISTORY AND CULTURE OF XAMBÁ THROUGH THE PLACES OF MEMORY OF THE TERREIRO

Abstract:

This article discusses the importance of the memory places of Terreiro Nação Xambá for the preservation of the culture and history of this people, knowing the importance of preserving memories for the maintenance of the institution and for the (re)cognition of its identity, also understanding that this preservation is relevant in the social context, based on the principle that preserved goods have meanings that respond to the need for knowledge about oneself and about the other, in view of the cultural diversity in which we are inserted. The methodological procedures adopted were bibliographic documental and descriptive, and the research universe was composed from the memory institutions maintained by the Quilombola Community of Terreiro Nação Xamba: Library and Museum. The study shows that these places are fundamental for the transmission of knowledge, traditions and values from generation to generation, in addition to being important spaces of resistance and cultural affirmation. The preservation of the places of memory of Terreiro Nação Xambá is crucial for the maintenance and strengthening of the cultural identity of this people.

Keywords: Memory Place. Memory. Xambá Nation.